

29 de julho de 2023 nº8  
ano II

Tatuí, SP

**JORNAL**

# BULI

**28º FETESP**

**FESTIVAL ESTUDANTIL DE TEATRO  
DO ESTADO DE SÃO PAULO  
CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**





*NO FRESCOR DA HORA*

**4**

**CORTAR O AR PARA EXPANDIR  
AS POSSIBILIDADES DO CÉU**

JULIA PEDREIRA

**11**

**LA RONDE: UM BRINDE AO CORPO  
E AO DESEJO**

FELIPE DE MENEZES

**16**

**MENTIRA.BR É UM VERDADEIRO TEATRO!**

FELIPE DE MENEZES

*COXIA*

**20**

**INOVAÇÃO EM LIBERDADE, MADALENA!**

MARCO ANTONIO PEDRA

**25**

**PERNA CURTA?!**

THIAGO MARCHETTO

*CHARGES*

**30**

**MENTIRA?!**

KAIO ALEXANDRE

*CRÔNICA DO DIA SEGUINTE*

**31**

**AS DOIDAS**

TADEU RENATO

*AINDA REVERBERA*

**34**

**MANIFESTO PELO NADA**

LÍGIA HELENA

**38**

**SEMENTES DO FUTURO**

ALEF RAMOS

**41**

**SUSPENSÃO E FLUXO**

IVAN FREITAS

**43**

**HOJE É DIA DE FESTA,  
CURA E TRANSMUTAÇÃO!**

GABRIEL FRANCO

*BÔNUS OU UM MIMO NOSSO*

**49**

**MINI-DRAMATURGIA**

TADEU RENATO

**55**

**EXPEDIENTE**





# CORTAR O AR PARA EXPANDIR AS POSSIBILIDADES DO CÉU

**POR JULIA PEDREIRA**

*apreciação da peça filme/criação em processo Liberdade, Madalena! a partir do painel conduzido por Lígia Helena – VQV – Valéria Rocha – Conservatório de Tatuí*

I talo Calvino, em seu livro "Seis Propostas para o Próximo Milênio", ao refletir sobre o significado de leveza cita um outro escritor, Paul Valéry, que diz que "é preciso ser leve como o pássaro e não como a pluma". Afinal, o pássaro tem que ter força para, enquanto

voar, superar a resistência do ar e se guiar para uma determinada direção. Diferente da fragilidade da pluma que se vai com o vento, o pássaro é certo, possui a exatidão e a precisão de uma flecha. Começo lembrando dessa citação porque ao nos depararmos com a pergunta "o que nós sentimos" após "Liberdade, Madalena!" – peça-filme em quatro atos, fruto de um extenso trabalho de pesquisa e análise de obras literárias e dramáticas feita por alunes da Escola Livre de Teatro de Santo André –, pairou-se, em um primeiro momento, um longo silêncio – aquele silêncio que já aconteceu algumas vezes durante este festival: o silêncio de corpos impactados reverberando a experiência do que foi visto em um eco sem palavras, mas cheio de sentidos.

Uma espectadora, então, vibrando esses sentidos, vai aos poucos destrinchando, no frescor do sentimento, o intraduzível da experiência: "Eu não sei como reagir. Eu ainda estou em processo do que eu vi... A gente tá acostumado a falar de racismo de modo pesado e sofrido, e ver isso sendo tratado de forma leve, afetuosa, eu não sei... é muito diferente...eu não consigo descrever o que eu estou sentido... a forma como eles falaram, as palavras, a voz... eu entendi tudo... de um modo suave". Outra espectadora diz: "Quando o nosso corpo está no centro da notícia, às vezes é muito difícil se aprofundar. Eu, às vezes, tenho que desviar, para poder preservar o meu corpo. E vocês, aqui, lembram a gente da importância de não esquecer, mas

de um jeito que não me fere, de um jeito leve. Trazem uma história em que eu vejo meu corpo no centro, mas sem que eu fique mal”.

Fico pensando, então, o quanto esse sentido/ sentimento/vibração de leveza descrito por essas espectadoras tem a ver, de alguma forma, com a precisão, a exatidão e a força com que alguns temas foram tratados neste trabalho. Imaginemos a força que um pássaro faz para voar. Às vezes esquecemos de enxergar no seu voo a energia que seu corpo está mobilizando para que suas asas se movimentem e lhe levem em determinada direção, cortando o ar. E aí me pego pensando na palavra liberdade. “O que é a liberdade?” – é a pergunta que os atores e atrizes procuram responder no segundo ato. Algumas respostas-esboços que tento me lembrar: pegar o trem e perder a estação de chegada, os pés descalços na terra, o sol na pele, sair e voltar para casa com segurança. Ou, um ciclista gritando para Madalena, que depois de mais de 30 anos mantida sob cárcere privado em uma situação de trabalho análogo à escravidão, caminha “livre” na rua: “Madelá, ÊÊÊ Liberdade, Madalena!”.

Madalena Gordiano, aos oito anos de idade, bateu à porta da casa da família Milagres Rigueira em busca de um prato de comida e nunca mais saiu – trabalhando durante décadas sem remuneração, férias ou qualquer outro direito trabalhista. Em pleno século XXI, a história de Madalena é mais uma entre mais de 55.000 brasileiros que trabalhavam em condições similares à

escravidão e foram resgatados nos últimos 25 anos, incluindo 14 empregadas domésticas no ano de 2020. Em pleno século XXI, o Brasil é estruturado pelo mesmo discurso de 1888, ano da Lei Áurea. Sob as rédeas do discurso abolicionista, as fronteiras entre liberdade e punição se borram; assim como na peça "O Demônio Familiar", escrita em 1857 pelo escritor aristocrata José de Alencar, onde Pedro, o menino negro escravizado, ganha a sua alforria como forma de punição – por ter perturbado a "paz" doméstica. E isto é dito explicitamente pelo patriarca da família ao final dessa comédia de costume.

O que a peça-filme "Liberdade, Madalena!" faz é, de certa forma, encarar tal dramaturgia racista e entrelaçar as histórias de Pedros e as realidades de Madalenas, dando lugares a eles que não repliquem a gramática de violência que os cerca. No primeiro ato do filme, "Pedro criança" se torna "Pedro Silva", que escreve uma carta onde, ao invés de ser um personagem sujeito de uma história, podemos ouvir sua voz. Me lembrei do livro "Eu, Tituba – Bruxa Negra de Salém", onde a escritora Maryse Condé revisita o doloroso evento acontecido em 1862 em Salém – também retratado na peça teatral "As Bruxas de Salém", de Arthur Miller. Mas, diferente da peça de Miller, onde Tituba é a mulher negra escravizada condenada à morte por bruxaria, reafirmando a história "oficial" dos documentos; na obra de Condé, Tituba se torna narradora de sua história. Como afirma a autora, "eu ofereci a ela (Tituba) um final de

minha escolha." Tal gesto de se dar ao direito de imaginar uma história que não foi contada, porque soterrada, apagada, silenciada; não será de certa forma um gesto de liberdade? E me parece ser tal gesto que vemos sendo feito neste trabalho, matéria fílmica que, por meio de uma linguagem múltipla – dublagens, recortes de jornais, trechos de notícias, canções, dramaturgias sendo rasgadas, realidades sendo recortadas –, desvela como as estruturas racistas e o ranço colonial perduram em diversos aspectos da sociedade.

A escritora Saidiya Hartman se pergunta, diante dos arquivos e documentos, como cuidar das vidas que estão ali ou que simplesmente foram apagadas. "Como não causar mais danos a essas vidas? Como não submetê-las a violências de outra ordem?". Ela está pensando no campo da fabulação crítica, como reconstituir uma história radicalmente diferente. Como usar estrategicamente estes documentos para desafiar a hierarquia intelectual entre os "sujeitos do conhecimento" e os que foram constituídos como "objetos do conhecimento". "Sinto que, na verdade, meu trabalho é honrar essas vidas. (...) Sinto que a fabulação crítica, a transposição dos arquivos, permitem que nós nos conheçamos de um jeito diferente. Eu trabalho de forma intuitiva, quase instintiva, e os materiais que encontro acabam confirmando o desejo pela liberdade, o desejo de existir de um jeito que não é determinado por um roteiro criado pelos donos de escravizados nem pelos colonizadores."

Creio que o maior gesto de "Liberdade, Madalena!" é justamente o de encontrar no vôo de um pássaro um modo de traçar uma trama dramática que se faz desafiando os limites da ficção e da realidade, da imagem e da presença, do teatro e do audiovisual. Esses criadores artistas sobem ao palco quando a tela se apaga e entoam uma reza-canção. Eles não se mantêm fiéis às fronteiras, mas justamente ultrapassam e desafiam esses limites para, de alguma forma, conseguirem fazer do lembrar um gesto de liberdade; e não uma repetição da ferida. Cortam o ar, para expandirem as possibilidades do céu; nos dizendo, para além do filme: nós estamos aqui.





# **LA RONDE: UM BRINDE AO CORPO E AO DESEJO**

## **FELIPE DE MENEZES**

*apreciação da criação em processo La Ronde, a partir do painel conduzido por Paulo Gircys – VQV – e Valéria Rocha – Conservatório de Tatuí*

"La Ronde" é um material em processo que nos foi apresentado na tarde desta sexta-feira, dia 28 de julho de 2023. Durante os pouco mais de trinta minutos de duração, estudantes da companhia de teatro do próprio Conservatório mostraram, sob

a direção artística de Miriam Rinaldi, experimentos cênicos que tinham dentre os pontos de partida a peça "La Ronde", do austríaco Arthur Schnitzler.

Mas, o que são fragmentos de processos artísticos? Qual sua função dentro de um festival de teatro estudantil? Fragmentos de processos são pedaços de cenas, desejos, rascunhos de dramaturgias e canções que ainda estão sendo discutidos, de forma prática, sob alguns prismas, como a ética, a estética e a política. Esses fragmentos podem vir a se tornar parte definitiva do material final. Ou não. É, por isso, que um festival de caráter estudantil, como o FETESP, valoriza esse tipo de mostraçãõ: para que a gente não tenha medo das nossas próprias fragilidades. Todos nós de teatro sabemos como ficamos ansiosos sempre que temos que mostrar algo que (ainda) não está pronto. E esse é um tipo de engano muito comum: acreditar, lá no fundo, que após a estreia, a nossa peça estará pronta, acabada, imutável. Não estará – ao menos, para nós, que valorizamos um certo tipo de teatro forjado na experimentação de linguagem. Ainda mais, se esse experimento provir de uma escola de teatro. O espaço da sala de ensaio/aula é um espaço de experimentações, de desconfiânças daquilo que temos como certeza, de mutações e de muito aprendizado. O Conservatório tem diversos grupos artísticos que são espaços de convivência entre aprendizes e mestres, estudantes e pessoas de notório saber na área. O grupo

artístico do Setor de Artes Cênicas do Conservatório, neste ano coordenado pela atriz, diretora e pedagoga Miriam Rinaldi, está investigando as formas das relações afetivo-sexuais, o flerte, a conquista. E foi exatamente de fragmentos desse processo que estivemos diante no Centro Cultural de Tatuí, durante a programação do 28º FETESP.

"La Ronde" é um exercício fantástico, que coloca em cena uma diversidade de corpos para explorar as contradições humanas do ato da conquista. Talvez, fosse interessante a pesquisa se debruçar do momento da conquista (seja em chave cômica ou não) até os segundos que antecedem o ato sexual propriamente dito. A conquista, o caminho, talvez, seja muito mais interessante do que o ato em si. A carnavalização, o cortejo e toda a coralidade pretende trazer – além dos alívios cômicos – um certo grau de epicização da cena, que tem, a rigor, um tema dramático. Explorar possibilidades de intersecção entre um tema, aparentemente, de ordem dramática (daquilo que é privado) para pô-lo na esfera do que é público, é o grande barato da coisa toda.

Quem define o que pode ou não um corpo? Seriam o estado, a sociedade, as crenças ou as instituições os responsáveis pela docilização e controle dos nossos corpos? Arriscaria dizer que o trabalho apostará em outras relações, que não apenas as do tipo hetero-normativas, monogâmicas etc. A pauta da gordofobia pode ser um tema. Desejar e ser desejado: como está a sua balança? O

que é e como é o flerte para essa geração de estudantes? Eis algumas das questões levantadas pelo público durante o bate-papo após a peça.

Em cena, atuantes extremamente potentes, dedicados nos seus fazeres artísticos e com um poder de comunicação e irreverência exemplares. Fez-nos questionar sobre a libido e a pulsão sexual. Mas, e nós? Seremos, apenas, voyeurs desse experimento? Qual é o papel que nos cabe, enquanto público, querendo testar outras participações durante essa experiência cênica?

Hoje o grupo se encontra na fase de tratamento dramatúrgico aliado a experimentações práticas em sala de ensaio. A perspectiva é de que a estreia aconteça no meio do próximo semestre letivo.

Gostaria de parabenizar todo o Conservatório e sua equipe de gestores que não medem esforços para contemplar, com bolsas de estudos, os estagiários do grupo de teatro. Estagiários: essa escola de vocês é uma das raras escolas de teatro no País que mantém um programa de bolsas como esse. Lutem por isso e por muito mais.

Um beijo carinhoso.

Em tempo: viva a mulher preta em cena! Viva as corpos não-padrão! Viva todas as formas de relações afetivas entre os que se gostam e se desejam!





# **MENTIRA.BR É UM VERDADEIRO TEATRO!**

## **FELIPE DE MENEZES**

*apreciação do espetáculo Mentira.Br:  
um estudo de caso, a partir do painel  
conduzido por Paulo Gircys – VQV – e  
Thiago Leite – Conservatório de Tatuí*

**E**ncantou, pela qualidade técnica, o trabalho dos estudantes da Unicamp, apresentado na noite desta sexta-feira, dia 28 de julho de 2023, durante a 28ª edição do FETESP. "Muvuca" é o nome do grupo que apresentou o espetáculo "Mentira.

Br: um estudo de caso". A proposta é que se jogue um jogo bem fácil, mas perigoso e, por isso, gostoso de jogar: trata-se de nós, espectadores, ajudarmos a tecer uma teia de acontecimentos e fatos que estão sob o efeito, ora da mentira, ora da verdade (às vezes, simultâneas). O jogo é muito bem jogado pelo elenco que esbanja sagacidade em suas atuações – o que nos faz pensar que, podem, eles próprios, estarem nos enganando duplamente: são bons atuantes ou estão mentindo ser? Essa discussão sobre essência e aparência, real e simulacro é a tônica de todo o ensaio-jogo que teve o dramaturgismo da notável Alanis Mahara e direção de Giovanna Zottis, que, como encenadora, revela ser uma artista muito preciosa.

O espetáculo é resultado de toda uma formação que se deu dentro do curso de bacharelado em artes cênicas do Instituto de Artes da Unicamp. Ao final dos quatro anos de formação, o espetáculo nasceu e já começou a andar com suas próprias pernas, além dos "muros" do departamento. Que tenha vida longa, pois tem muito a ganhar no encontro com outras e diversas plateias. O ensaio sobre a mentira é uma peça-jogo dividida em três atos, onde os atuantes elaboram questões, compõem espaços cenográficos, criam esquetes e operam tecnicamente, além de não perderem, em nenhum momento, a comunicação interativa com as pessoas espectadoras.

Muito se falou, durante o bate-papo após a apresentação, sobre os temas abordados na peça, seus conceitos filosóficos e suas implicações subjetivas/políticas, mas pouco foi dito sobre a forma, a teatralidade. "Mentira. Br" é um excelente exercício de composição cênica que pode muito bem ser apresentado para plateia de pessoas surdas ou cegas; de crianças; em espaços fechados ou, quem sabe, em uma praça pública. Dramaturgia, atuação e direção estão em estado de tanta ebulição criativa que, me parece, que qualquer desafio que fosse lançado ao grupo, seria um jogo gostoso de se jogar e de se ver jogando. A forma é inventiva, o espaço cenográfico é multifacetado, a iluminação consegue dialogar o tempo todo com o jogo de cena. E é isso que faz do trabalho estudantil um importante exercício de teatro. Além de debochar e ironizar de muitas convenções teatrais tidas, pelos antigos, como sagradas, o espetáculo usa dos mesmos expedientes para dizer que o teatro ainda pode ser um importante espaço de contação de mentiras e de denúncia de verdades. Parabéns a Ana, Larissa, Pedro, Maurício e Vinícius pelo carisma e qualidade no trabalho que, não podemos nos esquecer, é fruto de uma universidade pública da importância como é a Unicamp.

Obrigado pela generosidade coletiva e pelos risos frouxos que vocês nos fizeram dar nessa edição do FETESP.

PS: tudo o que escrevi, pode muito bem ser mentira?





# **INOVAÇÃO EM LIBERDADE, MADALENA!**

**MARCO ANTONIO PEDRA**

*bolsista estagiário de apreciação crítica. estudante de artes cênicas da Unicamp. apreciação da peça filme/processo em criação, Liberdade, Madalena!*

**D**evido à pandemia causada pelo COVID-19, o teatro se transformou, aproveitando os recursos do cinema e da internet para realizar experiências inovadoras de cena. Mesmo após o isolamento social, os aprendizados teatrais adquiridos

neste período catastrófico continuam reverberando. Neste sentido, na tarde do dia 28 de julho de 2023, alunos da Escola Livre de Teatro de Santo André (ELT) apresentaram, na 28ª edição do FETESP, a peça-filme *Liberdade, Madalena!*. A relação dos artistas com o audiovisual surgiu justamente na pandemia. Eles investigaram esta linguagem por ser a possibilidade de fazer teatro durante o isolamento social e, depois, quando as restrições ficaram mais flexíveis, decidiram continuar a experimentação desta linguagem e gravar uma peça-filme. As gravações foram feitas com celulares, a produção foi custeada com recursos próprios e a locação utilizada foi o Espaço Casa, lugar em que os alunos da ELT tiveram aula durante uma reforma na sede da escola. O trabalho foi orientado por Solange Franco, que também fez a edição do vídeo da obra. A produção da dramaturgia-roteiro aconteceu a partir de uma dinâmica coletiva de trabalho em que cada integrante ficou responsável pela escrita de um trecho. Assim como em *Inimigas Públicas*, também da ELT, há um sólido projeto dramático envolvendo fatos históricos. O que mais salta aos olhos no trabalho, que está em andamento, é justamente o texto. Ele propõe uma costura entre a história de Madalena Gordiano, mantida em situação análoga à escravidão por mais de trinta anos em uma cidade de Minas Gerais – terrível acontecimento que veio à tona há pouco tempo, em 2020 – e uma releitura crítica da peça *O demônio familiar*, de José de Alencar. Este autor cometeu grandes erros em suas

obras literárias na discussão sobre raça. Além de venerar de forma bastante enfática a pele alva das personagens femininas do romance *Senhora*, Alencar escreveu a peça *Mãe*, um marco do teatro realista no Brasil. Em *Mãe*, Alencar cria uma personagem negra em situação de escravidão que é muito bem tratada por seu patrão, Jorge, e deseja permanecer sendo escravizada porque, além de seu patrão, Jorge é seu filho. Apesar da justificativa melodramática para o desejo em continuar em tal situação, endoçar a escravidão é um ato gravíssimo. Em *Demônio familiar*, Alencar comete outro desserviço à real memória da escravidão do nosso país. Na trama, há uma criança negra, Pedro, que é escravizada e apronta algumas confusões na vida de seus senhores brancos. Alencar apresenta tal criança como alguém que causa problemas e isto é uma justificativa pela qual a escravidão deveria acabar, segundo ele, para não atrapalhar a dinâmica da vida dos senhores. Este discurso é recusado e criticado pelo grupo de estudantes da ELT, composto majoritariamente por pessoas pretas. Na peça de Alencar, Pedro termina na rua, abandonado pelos patrões que o "libertam" para viver como um andarilho. Na peça-filme, o menino, após ser despejado, encontra, na rua, a ajuda de um homem negro que o ampara na direção de uma vida digna. O grupo cria um final feliz para a personagem marginalizada. O mesmo fez a dramaturga Silvia Gomez na peça *Neste mundo louco, nesta noite brilhante*, quando a personagem que sofre um abuso sexual consegue se

salvar. No caso de Gomez, há uma interrupção na narrativa para a construção de um final feliz. Aqui, isto se dá a partir da continuidade da história da peça de Alencar. São momentos comoventes. Em um mundo como este, por vezes tão cruel, ver finais felizes é sempre bom. A história de Madalena é contada mais no final da dramaturgia-roteiro. Talvez fosse interessante dissecá-la ao longo do texto e entremeá-la com a história ficcional de Pedro. Ademais, é muito inovador o momento em que os alunos vão até o palco e interagem com o vídeo, cantando. Cultivar momentos assim parece ser da vontade do grupo e pode potencializar, e muito, a continuidade do trabalho.





# PERNA CURTA?!

## **THIAGO MARCHETTO**

*bolsista estagiário de apreciação crítica.  
estudante da escola dos doutores  
da alegria. apreciou o espetáculo  
Mentira.Br: um estudo de caso*

"Hoje eu choro, rio e minto. Não necessariamente nessa ordem. Teatro grande. Bonito. Dá tesão de fazer".

"Eu vou falar tudo o que der na telha e definitivamente vão acreditar em mim".

"Confio em vocês! Confio mesmo! Vamos destruir Tatuí".

Essas foram as mentiras contadas pelo elenco em pré-apresentação.

A mentira é uma apropriação com cor ou sem cor? Tem rosto? Tem cheiro? É uma expressão arquitetada ou espontânea? Uma estrutura social? Criação? Patrimônio imaterial? Monumento? Pode tocar?

O grupo tem uma espécie de aquecimento dramático que se dá como fomento para o jogo e o improvisado que o trabalho necessita. Também como forma de desabafo e trocas sentimentais que antecedem a mentira materializada. O tempo, que é um grande brincante em cena, foi inimigo na montagem e no ensaio técnico. Este curto período, com companhia da apreciação crítica, fez confundir eu e Sarah, da produção, o que era jogo e o que era erro técnico. A todo momento havia o estado cênico. Até nas dispersões. Eles sabem mentir muito bem! Grandiosos mentirosos e patológicos.

Segundo Jean Cocteau – encenador do teatro francês – "Gostaria de dizer a verdade. Gosto da verdade. Mas ela não gosta de mim. A verdade é esta: a verdade não gosta de mim. Mal acabo de dizê-la, ela muda de rosto e volta-se contra mim".

O elenco é regido por 6 intérpretes – Ana Fariña, Larissa Blanco, Pedro Ribeiro, Maurício Oliveira, Vinícius Zaggo e a mentira. O que apreciamos ali foi a veracidade da mentira e suas facetas geométricas.

Muito se fala sobre identificação e representatividade em espetáculos, quando

o assunto se debruça das dores de um público específico. Mas quando a abordagem implica no senso comum, você se aproxima da narrativa ou você se afasta? Na primeira ação do primeiro ato, fomos pegos de surpresa pelos intérpretes que iniciam com uma quebra da quarta parede dramaturgica para um convite provocador para mentir. Um banho de metateatro! Esse espetáculo questiona a própria existência. Não se sabe se ele mente ou fala a verdade. Depende do que o público entende por mentira ou verdade. Depende do que o público gosta ou não de ouvir. Ao modo que a narrativa corre, surge um constrangimento com o espelhar entre o público e a mentira, mas isso não é sobre você, é sobre o que fizeram com você. Quase como uma lavagem de roupa suja, em que a verdade precisa vir acompanhada da numerologia e da fonte. Um ótimo casal arquitetado pelo grupo, entre o metateatro e o Teatro Revista. *Mentira.br* é um dos trabalhos mais sacanas que existem. O que parecia ser uma retórica de uma mentira jogada contra a outra, se tornou uma introdução alegórica sobre as falácias de um desgoverno. Este trabalho, sobretudo, é uma aula de como fazer teatro. Primeiro você captura o público – contando mentiras – e depois faz ele ouvir o que é preciso se ouvir. E isto não está somente na dramaturgia. Está na interpretação e no jogo.

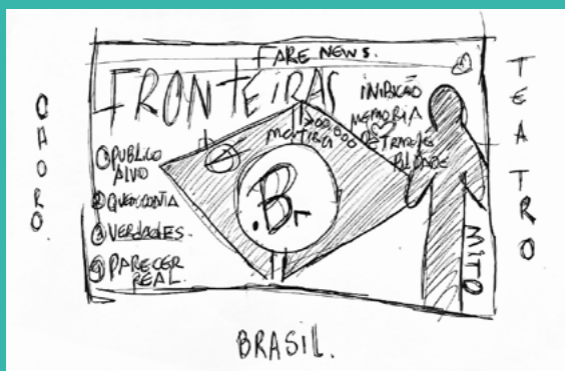
Tudo neste trabalho mente. O tempo, que por sua vez é muito valioso em trabalhos teatrais que resgatam a importância da memória, seu

papel neste trabalho é, assim como os outros, mentir. Ora 1 segundo era 1 segundo, ora 1 segundo eram 8 segundos.

A verdade tem um preço muito alto, mas é à vista. Já a mentira é um preço razoável em parcelas infinitas.



## MENTIRA?!



KAIO ALEXANDRE



# AS DOIDAS

**TADEU RENATO**

*professor de dramaturgia do  
Conservatório de Tatuí*

**V**ai daí que seu Moço, dona Moça e seu Mocinho se ajeitaram para aproveitar aquela sexta-feira de folga de toda família e foram à praça da Matriz para assistir a um espetáculo que em breve se apresentaria ali. A família estava arrumada,

as cadeiras estavam arrumadas, o sol estava se arrumando para virar fim de tarde. No jornal distribuído com a programação do Festival de Teatro, viram que a peça Dilatar aconteceria naquele lugar, o que justificava as duas jovens atrizes de roupas brancas andando em movimentos repetitivos: provavelmente estavam se aquecendo, comentou seu Mocinho.

Vinte minutos se passaram e as atrizes continuavam nas mesmas repetições, o que levou seu Moço a bufar com o atraso para se iniciar o espetáculo. Como não estava entendendo o que acontecia, o pai pediu ao filho que olhasse no jornal mais uma vez, para ver se alguma explicação o tirava daquela agonia. O rapaz leu com calma a sinopse e o gênero dramático que constava logo abaixo do título da obra: *performance*. Voltaram a atenção para as duas moças que insistiam naquele movimento e estendiam cada minuto como um pedaço de eternidade na cabeça de seu Moço. Dona Moça olhou ao redor e se distraiu com as linhas laranja que o sol fazia no centro da roda. O Mocinho ouviu um homem cantando ópera em algum lugar, a voz de tenor arrastando cada nota, e sentiu uma vontade imensa de coçar variadas partes de sua pele. Decidiu começar pela língua, criando sua própria dramaturgia para o que estava vendo: *chão está quente, pula-pula, caminhei, um susto*. Satisfeito com a musicalidade de sua narrativa, brincou de repercutir sua fala, inconscientemente já dentro do que aquela apresentação propunha. Só interrompeu

seu jogo quando o pai se curvou para frente, sacou seu cortador de unha e pediu à dona Moça que procurasse no Google o que era uma *performance*. A mulher fez uma pesquisa de voz e a máquina respondeu sem responder, dando significados que pouco apaziguaram a sensação de estar sendo puxado por uma tontura causada pelo alargamento do tempo: *quando minhas unhas cresceram, que nem percebi?*

Dez minutos mais e o sino badalava, um homem passara arrastando uma lona e um cachorro caramelo atravessara a cena em passos de preguiça. E as moças lá, em seus mesmos e mesmos gestos. Seu moço teve uma lembrança súbita e soube de onde conhecia aquela imagem: *lembra aquela louca lá do bairro, só falta jogar pedra*. Somente seu Mocinho sorriu, forçosamente, do comentário, que foi complementado com *a lá, as doidas*. E mais uma vez o tempo atravessava aquela configuração familiar. Dona Moça reviu o jornal e comentou que aquilo era propaganda enganosa, pois não era teatro. Seu Moço ergueu a sobrancelha e se perguntou se naquele Festival havia dedos da Lei Rouanet. E mais uma vez o tempo atravessava aquela configuração familiar. Era ainda metade do acontecimento quando seu Moço sentenciou: *acho que é só isso mesmo*. Seu Mocinho, que caminhava entre o interesse e a total apatia, declarou: *mas é isso: é performance*. Levantaram-se e partiram, atravessados pela perda de tempo que é se perceber vivendo no tempo.



# MANIFESTO PELO NADA

**LÍGIA HELENA**

*mediadora pelo VQV no 28ºFETESP*

Nada vai acontecer aqui

Nada acontece aqui

Nada nunca aconteceu aqui

Quando a mente é um buraco profundo de  
onde não se pode sair –

Nosso espaço ausente de nós –

Quando um tanto de real nos lança para o  
desespero de querer não existir

Não ter coragem de fazê-lo – *silêncio*

*esquecimento*

*histeria*

*loucura*

*suor*

Nada vai acontecer aqui

o som dos carros

as pessoas falando baixinho

baixinho

até que gritam

nada nada nada mais

vai acontecer aqui

uma borboleta amarela dança na direção do  
casaco de onça

ela é pequena

eu me sinto menor que ela

mas não deixo de fazer um desejo

As senhoras trabalhadoras com seus crachás

No pescoço

E a vida presa no expediente

Só acaba quando acaba

Fazem piada

Se perguntam insistentemente se

Nada

Vai

Mesmo

Nada

Vai

Mesmo

Alguma

Coisa

Acontecer

Aqui

Anseiam por voltar para suas máquinas

Voltar a serem máquinas

o sol deixou de tocar a minha pele

um instrumento de sopro

passou a tocar os meus ouvidos

uma formiga caminha pelo tecido da bermuda  
do homem

Nada vai acontecer aqui

Paciente Paciência

Nada ainda Nada nunca nada

Vai acontecer aqui

Quando eu fui paciente

Um homem de branco cortou minha pele

Me enfiou um pino entre os ossos

Quando eu fui paciente

Uma mulher de branco arrancou

Num salto sobre meu corpo

Meu filho do meu ventre

Quando eu fui paciente

Ele escolheu partir

Elas agora riem ALTO

Longe daqui meu filho sonha

Mas nada

exatamente nada

vai acontecer aqui



# SEMENTES DO FUTURO

**ALEF RAMOS**

*estudante do 1º ano do curso de artes  
cênicas do Conservatório de Tatuí*

**O** FETESP está proporcionando para Tatuí e região uma avalanche de cultura, tão necessária em tempos de carência de sensibilidade.

Dentre as belas obras artísticas apresentadas, gostaria de destacar as apresentações escolares, sobretudo as

que consegui prestigiar, "A Vaca Notícia" e "Hoje é dia de Maria"; apresentações, respectivamente, da Escola Estadual Professor Altamir Gonçalves (Sorocaba/SP) e a E.E. Profa. Nair Guilhermina Pinheiro Nogueira (Ribeirão Preto/SP), dirigidas e produzidas pelos professores de Arte Marcos Fogaça e Robson Marx.

Quando me deparo com jovens de 14 a 17 anos, vindos de escolas públicas, em cena, meu peito se enche de esperança em saber que uma semente valorosa foi plantada no coração do futuro. Teve vaca de vestido púrpura que, vítima de um sistema opressor, oprimia suas funcionárias, também vacas, e não conseguia enxergar o valor da educação para quebrar fronteiras limitantes. Em "A Vaca Notícia" vimos que não precisamos ser apenas aquilo que dizem que somos, mas que devemos seguir os nossos sonhos, por mais que o caminho seja difícil.

O "Demo" também riscou o chão, em "Hoje é dia de Maria", com sua maldade, para nos avisar que viver é correr riscos e que esses perigos nos tornarão cada vez mais resistentes. Maria nos deixou com um nó apertado na garganta, quando maltratada pela madrasta e desamparada pelo pai alcoólatra decidiu fugir de casa. A personagem nos levou para navegar em seu barco iluminado, apresentando questões sociais como o trabalho infantil em minas de carvão e nos fez refletir sobre como cuidamos de nossas famílias e, especialmente, de nossas crianças.

Há quem diga que a escola pública tem um dos piores ensinamentos do Brasil, não posso negar as imensas dificuldades e precarização do ensino público brasileiro, pois também sou professor da área, mas defendo quem está dentro, vivenciado todo dia o chão da escola e não deixa de estar comprometido com uma educação integral de seus estudantes, visando um futuro com jovens protagonistas, com senso crítico e com o socioemocional preparados para enfrentar os caminhos, muitas vezes, difíceis da vida, como bem nos mostraram a vaquinha escritora e a corajosa Maria.

Um Evoé ao FETESP, ao Conservatório de Tatuí e, sobretudo, aos professores da rede pública de ensino.



# SUSPENSÃO E FLUXO

**IVAN FREITAS**

*estudante do curso de cenografia do  
Conservatório de Tatuí*

**P**ode ser estranho para nós notarmos o caminho que fazemos todo dia, as portas pelas quais passamos, corredores por onde nos espreitamos, praças e ruas pelas quais vagamos descompromissadamente; há sempre um objetivo, um ponto para onde estamos indo, e muitas vezes é incerto o como vamos. Nesta edição do FETESP, somos presenteados

com diversas performances, destacando a potência e possibilidades do corpo em cena; essa linguagem nos permite parar – e quase nunca paramos – para nos atentar, observar, perceber o que nos cerca: corpos.

"Estuário: entre íntimos e imaginários" (por Coletivo Negranças), nos trás o aspecto de leveza e fluidez, o quanto o movimento de corpos que dançam podem se relacionar com o correr das águas de rios que se encontram; todos nós nos desaguamos ali junto delas. "Dilatar" (por Apoenas), ressalta a repetição, e como movimentos cotidianos repentinamente se tornam questionados; dezenas de pessoas que passam pela praça lançam seus olhares às atrizes, e com certeza questionam o que aquele movimento significa. É difícil tentar significar algo, justamente por tudo o que aquilo pode ser, e por mais que esses movimentos não se caracterizem por fluidez, trazem fluxo; movimento trás fluxo.

Discutimos muito a função da dramaturgia no texto, e poucas vezes a potência da dramaturgia no corpo. O quanto meu corpo tem a dizer? Como me movimento no meu dia a dia? Meu corpo segue o mesmo fluxo de meu pensamento? Esses dois espetáculos nos convidam a refletir sobre espaço, além de corpos; quais espaços estão preparados para estas corpos e quais espaços devemos tomar? O quanto estar e existir ali, naquele espaço temporal e físico, pode provocar?

O corpo diz – e muito –, grita – e muito – e flui (é fluxo constante).



# HOJE É DIA DE FESTA, CURA E TRANSMUTAÇÃO!

**GABRIEL FRANCO**

*estudante da TURMA 74 da Escola de  
Arte Dramática – EAD/USP*

*uma carta homenagem para os artistas  
adolescentes da Escola Estadual Prof. Nair  
Guilhermina Pinheiro Nogueira*

Muito prazer, sou uma gay-gorda, nascida e criada na quente cidade de Ribeirão Preto. Me apresento brevemente para ser palpável a experiência completa desse texto. Desde criança, as brincadeiras de "atuação" rondam

os meus dias, desde muito jovem o papel de intérprete esteve dentro do meu interior. Digo isso para ser possível a compreensão dessa carta-memória. Sou filho de uma pedagoga que teve sua carreira deitada no ensino de Escolas Públicas da cidade de Ribeirão Preto e irmão de uma educadora que continua a carreira de nossa mãe. Explico para que seja notável a importância dessas pessoas: estudantes da Escola Estadual Prof. Nair Guilhermina Pinheiro Nogueira.

No dia 26, chego com minha trupe da Escola de Arte Dramática/ECA/USP para vivenciar o FETESP e também apresentar nosso primeiro trabalho: Rastro Coletivo. No caminho para o Conservatório de Tatuí, me surpreendo com uma pessoa que fez parte dos meus dias e palcos na quente cidade: Robson Marx.

Que abraço quente que damos.

Abraço do passado no presente.

Duas bichas gordas apoiadas em sua bela e farta adiposidade.

Enlace de resistência.

Encontro de cura.

O meu interior renasceu e fazia muito calor naquele instante.

A imagem se configurava da seguinte maneira: na esquerda, o coletivo na qual faço parte atualmente, a TURMA74. Na direita, logo atrás do nosso abraço, a Escola Estadual dirigida por Robson. Sinto meu corpo se

desfragmentar como se fossem pedaços de espelhos que refletiam diferentes momentos de mim ou de "nós".

- Quem são vocês? Perguntei

- Viemos apresentar "Hoje é dia de Maria", ele respondeu.

Sabe quando você encontra com um pedaço de você que já não se lembrava mais? Quando você, sem esperar, se encontra com um fragmento muito valioso da sua alma?

No dia seguinte do nosso primeiro encontro, fomos ao show do Bixiga 70 e lá estavam todos eles. O show se inicia, e o guitarrista da banda nos pede para ficar em pé, assim o show faria mais sentido. Todos levantam, vão para a frente do palco e o som dos metais tomam conta de todos os corpos presentes no teatro. Dança, dança, dança, dança. Quando me viro para o lado, ironicamente, os alunos de Robson estavam dançando coletivamente, cada um topando, sem pensar, a ideia de movimento do outro. De primeira, achei divertido, com o passar do tempo, fui notando que não havia canseira e que o ânimo adolescente estava à flor da pele. A energia foi tanta que a contaminação dos movimentos foram crescendo e quase tocou em todos que ali estavam. O guitarrista volta ao microfone e convida as pessoas para subirem no palco, sem hesitar todos os adolescentes sobem e se acoplam com a banda, se confundindo e bagunçando o olhar de quem chegava naquele momento

para apreciar o show. Todos, sem dúvidas, ali naquele palco, eram artistas.

Enquanto o calor da cidade de Ribeirão Preto invadia o palco da banda, no meu coração mais um encontro: olho para mim e, novamente, eu estava desfragmentado em reflexos do interior. Dessa vez não controlo minhas lágrimas e choro. Choro como se não houvesse outra maneira de manifestar meu amor e gratidão por todos esses estudantes e Robson.

Escolhi não começar esse texto falando do tanto que sofri naquela cidade, mas não há como deixar de falar no quanto é esperançoso ver esses corpos adolescentes aqui. É festa e transmutação! Talvez, eu tenha escolhido a metáfora dos espelhos que refletem parte de mim (e do interior) para poder ultrapassar tudo o que um dia me fez sofrer naquela cidade. Refletido nesses espelhos, me vejo jovem no interior de São Paulo e parece que não há mais dor. AGORA SÓ EXISTE MOVIMENTO! Movimento que tem força para despoluir o Ribeirão Preto de seus dejetos asquerosos, com potência para renovar a água do solo fervente e até mesmo para entrar em espaços secos. Refletido nesses espelhos está a fusão do passado e do futuro, e consigo vislumbrar isso aqui, no FETESP, em Tatuí, no presente. Jamais pensei que fosse viver um processo de cura tão intenso em poucos instantes. Que vossas águas refresquem o calor da cidade. Força, meus queridos, não deixem ninguém parar o

vosso ato de criar. Não deixem os reacionários e agricultores puxarem vossa atenção sem pretensão. Continuem, vocês já iniciaram a magia do teatro.

Meus sinceros agradecimentos ao fabuloso e grande Robson Marx e à professora Viviane. Vocês têm mudado vidas e aberto portas para um futuro novo. A quente cidade irá agradecer muito.

A partir de hoje, prometo voltar um dia, nem que seja para provocar brevemente novas possibilidades de construções teatrais, ou melhor, voltarei tranquilo, com o interior quente e em paz, para fazer parte desse novo futuro.

Eu amo vocês, alunes da Escola Estadual Prof. Nair Guilhermina Pinheiro Nogueira.



*BÔNUS OU UM MIMO NOSSO*



# MINI- DRAMATURGIA

**TADEU RENATO**

*professor de dramaturgia do  
Conservatório de Tatuí*

**A** oficina de Mini-Dramaturgia teve seu último encontro nesta sexta-feira, 28 de julho, na Escola Estadual Professora Lienette Avalone Ribeiro. Entre trocas de histórias e jogos criativos, a turma participante criou textos teatrais que

tivessem o mínimo de palavras possíveis. Partimos de alguns elementos em comum (palavras, imagens, personagens) que resultaram em variadas invenções. Outros jogos de invenção foram realizados e explicamos abaixo um pouco sobre eles.

Em uma época em que as palavras nos atravessam em noticiários constantes, discursos virtuais e excessos de comunicação, pensar essa síntese em mini-dramaturgias provoca reflexões sobre a potência de cada palavra como fonte para outros imaginários.

Segue abaixo uma amostra de alguns dos textos criados nesse encontro:

### **Lápis e Jardim**

- Você viu o lápis? O lápis no chão?
- Que lápis?
- Aquele que está caído no jardim.
- No chão do jardim?
- Sim. Aquele lápis do jardim.

### **Vivica**

(O jogo é simples: a partir de duas palavras-chaves (neste caso Lápis e jardim) cria-se um breve diálogo que pode se desdobrar por muito tempo. Como você continuaria essa conversa sempre em torno das mesmas palavras?).

## CASA

1 – Você viu que ela estava triste?

2 – Quem estava triste?

1 – A menina da casa nova.

2 – A da casa que fama que é assombrada?

1 – Não. Aquela que a reforma terminou essa semana.

2 – E por que ela está triste?

1 – Não sei. Só sei que ela está triste a semana toda.

2 – E se formos na casa dela?

1 – Na casa dela!?

2 – É, na casa dela!

1 – E se for mesmo assombrada?

2 – Aí também ficaremos tristes.  
Ou assustadas.

**Eloá Menezes**

(Esse diálogo é construído a partir da mesma proposição do texto anterior, mas se valendo de cinco palavras-chaves. Tente também: escolha cinco palavras que você escutou alguém dizer e desenvolva sua própria dramaturgia).

## MEMÓRIAS

Em um dia qualquer, me vejo caminhando por aí,  
lembrando das memórias do passado, sabendo  
que não posso mais segurar ela comigo.

**Emanuelly Teles**

Por trás das lentes, água escorria.  
Choveu tanto que até ficou com sede.

**Camila Barbagallo**

Eu estava tendo muita insônia esses dias.  
Ouvi uma voz e olhei a lua.  
Todas as noites que não dormia eu brincava  
com ela.  
Até que isso mudou.

**Laura do Prado Araújo**

Hoje faz calor  
O amor comeu tudo  
Adoro escutar os pássaros  
E o vento da manhã  
O amor comeu tudo

Hoje eu tomei banho

Suco e café

Hoje eu comi

Uma fatia de pão com manteiga

O amor comeu tudo

**Mayra Guanaes**

(Uma dramaturgia não precisa, necessariamente, ser feita em diálogos. Há outras formas. Ainda assim, fica o desafio: qual o mínimo de palavras que um texto necessita para criar imagens que gerem cenas?).

# EXPEDIENTE

## **Coordenador editorial**

Antonio Salvador

## **Coordenadora de comunicação**

Luiza Lorenzetti

## **Arte design**

Lívia da Silva

## **Produção editorial**

João Fabbro

## **Revisão de textos**

Thiago Leite

João Fabbro

## **Colaboradores**

Alef Ramos

Camila Barbagallo

Eloá Menezes

Emanuelly Teles

Ivan Freitas

Julia Pedreira

Felipe de Menezes

Gabriel Franco

Kaio Alexandre

Laura do Prado Araújo

Ligia Helena

Marco Antonio Pedra

Mayra Guanaes

Tadeu Renato

Thiago Marchetto

Vivica

## **Fotógrafo**

João Maria

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustenidos Organização Social de Cultura.

Apoio:



Parceria:



PREFEITURA DE TATUÍ

poiesis  
gestão cultural



OC  
OFICINAS  
CULTURAIS



8º ENCONTRO  
MAMULENGO  
em SÃO PAULO



Realização:

# SUSTENIDOS



CULTSP

Secretaria da  SÃO PAULO  
Cultura, Economia e Indústria Criativas GOVERNO DO ESTADO